

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

CAMINHA...



JORNAL DUM COMUNISTA

ORGANIZAÇÃO

É sempre difícil manter os elos dum organização revolucionária e de luta de massas na actividade clandestina, elos inseparáveis e resistentes à actuação policial. Precisamente porque é difícil em tal conjectura a integridade dos vários órgãos torna-se óbvio que se procura na experiência a maneira de a organização ser menos vulnerável às mutações terroristas da acção policial e dos provocadores. Uma das primeiras condições está no indivíduo, no militante e uma das segundas, "à priori", é a sistemática descentralização dos organismos vitais dum Partido revolucionário.

Já que as condições da actividade clandestina pressupõe uma contínua vigilância nos indivíduos que a exercem e se misturam com outros tem-se forçosamente de acatar a primeira condição: a escolha dos indivíduos, dos militantes. De facto o militante consciente e honesto é a mola de toda a actividade séria, profícua e o éxito contra as arremetidas policiais. A miscelânea dos militantes nos órgãos principais do Partido são a causa dos maiores desastres sofridos, da desagregação que por vezes atinge todos os escalões da organização e do compasso de espera, cauteloso e rasteiro da recomposição. Se um militante é preso logo a organização se resente e os outros militantes fogem, param na actividade num ridiculo receio de por sua vez irem todos na ocasião. O que se deve fazer é preservar o Partido da possível fraqueza dum militante capturado e para isso, cremos bem, não ser preciso o desbarato geral. Basta a saber-se o que o militante preso conhecia da organização e mudar-se rapidamente as condições que aquela captura colocou e à mostra, numa possível ou não fraqueza do indivíduo ante a policia-

Não aconselhamos, nem somos partidários, de os escalões superiores da Organização serem entregues a militantes de fraqueza ou vergadura revolucionária ou a outros apenas conhecidos por esta ou aquela actividade sem terem dado provas de segura competência e seriedade. Não é difícil escolher, o difícil está em ver bem e não nos embriagarmos com gestos mais ou menos teatrais. Uma boa organização há-de ter bons militantes e bons militantes quando não há fazerem-se ou criam-se condições de aparecerem.

O medo aos provocadores é enorme e isto prova a fraqueza da Organização que se reflete em todos os militantes. O que é preciso é acautelar, expurgar as fileiras, preservar-las dos bichos e não

... Dá-me água; tenho sede.
 - Não; se és filho de Deus como dizes, por que tens sede, por que sofres? Caminha...
 - Judeu, sê maldito! Tu é que caminharás para todo o sempre, sem descanso, até à eternidade. Caminha... Caminha...

E caminhou, tem caminha do sem descanso e lá vai seguindo a todos os momentos, a todas as horas o seu pizo, o trilho dos séculos, dos milénios ora na dor ora na suprema alegria dos seus feitos. Esta alegoria é a Humanidade, para nós outros que não nos ajoelhamos ante o nada, ante a mentira armada em dogma e a paródia dum céu que é a negação mais flagrante da nossa existência e personalidade. Entretanto... caminhamos como o judeu da lenda e se o nosso caminho é doloroso, tem espinhos, o seu trilho é rimbado de luz, radiosa e sabemos que com nós arrostamos um mundo, o ideal mais perfeito e capaz das gerações últimas e presentes que são, afinal o mundo futuro, a necessidade marcada pela Evolução que... Caminha... Caminha... e sempre ovante nos arrasta à premente iniciativa de mais e melhor na insatisfação constante dos homens.

Há cinco anos que principiámos este jornal manuscrito e há cinco anos que nos arre-messaram para esta Bastilha como temendo, os nossos algózes, que aquela aonde nos retinham em Lisboa fosse insuficiente para nos fazer sofrer e incapaz de sufocar a nossa revolta, a nossa altivez ante o

VERSOS RUBROS *sem planta, sem metro, método, sem medo*

COBARDE



mas sentidos

FALANDO.

Se a minha juventude
 Pode acompanhar o rude
 Campônio, da terra além...
 Vem daí ó camponês,
 Traz a enxada, o arnez,
 Pois vamos lutar, porém.

Irmanados na união
 Do que vai no coração
 Do povo trabalhador.
 Lutando, libertaremos
 O escravo. E erguemos
 Um novo mundo d'amor.

Camponês: em pé, sentido!
 Guarda o respeito devido
 Aos teus filhos baqueados!
 Foi a fome que os matou
 E a agrura os devorou.
 Precisam de ser vingados!

Anda irmão, anda daí;
 Eu não vou lutar sem ti,
 És o meu sangue e arrimo.
 Tendo nos olhos a centelha
 Arvoremos a vermelha
 Bandeira querida, no cimo.

Do monte que vês além.
 Se tens noiva, irmãos e mãe
 Ensina-os a balbuciar
 O nome teu: Comunista.
 Que te fará altruísta
 E mais te hão de amar.

Sou do campo. Filho da terra,
 Camponês que no peito encerra
 A ideia da liberdade,
 Da gleba não sou escravo
 Nem do burguês e escarro
 Porque já sei a verdade

O padre, símbolo tirano
 Que me leva ao engano
 Filhos meus e companheira

Há-de implorar ao seu deus
 Que expulse os fariseus
 Sendo a igreja a primeira.

Bem te esente, irmão operário.
 Qu'importa grillhões e fadário
 Do sacrifício ingente.
 Unidos, triunfaremos
 Se só assim conquistemos
 A vida de frente a frente.

Vejo a União Soviética
 E a imprensa piadética
 Inimiga e repelente.
 Porque ali há luz e pão
 E eles dizem que não
 Com medo da escrava gente.

Podem gritar à vontade
 Neles acreditar quem há-de
 Se a verdade tem mais vigor.
 É Stáline - o Comunista
 O forte chefe socialista
 Da U.R.S.S. pátria de amôr.

Pátria onde o camponês
 Vive livre da pequena
 Das "pátrias" e dos "senhores"
 Do mundo capitalista
 Que o torna servilista
 E o prende de penhores.

Deixa, pois, ingrata gente
 Reflete e bem contente
 Renega o teu fadário.
 Olha os irmãos chineses
 Superiores aos revezes
 De braço dado ao operário.

Vê aquela luta heróica
 Sublime e tão estóica
 Que causa admiração
 Lembram bem os espanhóis
 Que ergueram como sóis
 Os facho da Revolução.

Para a guerra não iremos.
 Porque já nos apercebemos

Da mentira patriótica.
 Vamos, sim, pra a Revolução
 Junto ao operário, nosso irmão
 Dessa luta apoteótica.

Viva o povo e o Comunismo.
 E a pátria do Socialismo
 Que o mundo novo ergueu!
 Viva o operário e camponês
 E o Partido Português
 Comunista que já nasceu!

Vamos juntos já trilhar
 O caminho e triunfar
 Da nefanda reacção.
 Desde hoje em Portugal
 Somos a legião triunfal:
 Camponês-operário-irmão.

Com o Partido Comunista
 E o seu programa em vista
 Dado ao povo trabalhador
 Premos de vitória em vitória
 Enchendo páginas de glória
 E scremos o vencedor.

Cantando épico hino,
 "Internacional" - o fino
 Hérégio dos Comunistas.
 Orgulhosos marcharemos
 E o mundo conquistemos.
 Com internacionalistas.

Marx, Lênine e Stáline
 Pensadores, que bem define
 A nova civilização.
 São já os homens históricos
 E não simples alegóricos
 Que falam ao coração.

Engls e Rosa Luxemburgo
 Saíram do estreito burgo
 Duma accção ineficaz
 Liebknecht - assassinado
 Por socialista ousado.
 Mostrou do que era capaz.

Já tínhamos conheci-
 mento da pusilimidade de
 José Borges Selei-ro na de-
 portação e o nôjo que as
 suas atitudes estudadas
 causava nos camaradas
 presos como éle no Tarrafal.
 A sua traição era, pois, já
 conhecida; mas, o que nun-
 ca pensámos foi que Selei-
 ro a tornasse pública num
 jornal fascista e adverso
 aos interesses dos trabalha-
 dores em vista de sua actu-
 ação. Assim, acabamos de
 lêr no "Trabalhador," da pri-
 meira quinzena de Março
 uma carta de Selei-ro onde
 éle repudia o Partido que lhe
 fez o nôme e se afasta das
 fileiras operárias para se
 colocar, decerto, no outro la-
 do da barricada.

José Borges Selei-ro é um
 cobarde, um pusilânime e
 um traidor com tanta mais
 responsabilidade quanto mai-
 or foi a sua responsabilidade
 e o seu conhecimento
 revolucionário.

Não lhe podemos chamar
 outra coisa se não cobarde
 e traidor, pois, é cobarde e
 trai todo aquele a quem o
 sofrimento aterrorisa e
 não têm dignidade de o
 aguentarem com a altivez
 dum revolucionário.

Quem assim procede tam-
 bém trai e Selei-ro procedeu
 assim e traiu. Cobarde.

Já vai longa a nossa fala
 Mas criminoso é quem cala
 O que sente e o que pensa.
 Porisso, ó camponês
 Traz a enxada, o arnez.
 Vem comigo sem detença.

DEFESA PRÓPRIA NÃO É TERRORISMO



ORGANIZAÇÃO

- vem da página 1 -

temê-los, apenas. E' preciso obstar à sua infiltração e este encargo pertence aos militantes, formando por iniciativa própria a contra-polícia, contra-provocadores. Quanto à actividade, cada grupo, cada escalão não deve esperar ordens mas agir particularmente dentro da orientação geral e das directrizes impostas pelo Partido e proceder em conformidade com o momento, com a palavra de ordem dictada sem receios de confusão ou de fugas ao que do escalão superior dimanar - logo que se compreenda a acção a desenvolver num determinado momento.

O que não podemos assistir é ao adormecimento de tódas as actividades, ao desmoronamento total da organização sem que de nós parta um esforço, uma vontade a segurar o que com tanto sacrifício em 14 anos de ilegalidade se tem mantido graças ao sacrifício de muitos e que é a melhor glória da classe operária dos últimos anos.

O momento que passa é formidável; exige de nós um esforço imenso, uma actividade redobrada, sacrificios imensos mas também condições de vitória, condições que a classe operária não pode nem deve abandonar. Não esperemos que a vitória venha até nós sem nós irmos ao encontro dela. E' necessário preparar-lhe condições e estas só se fazem com o sacrifício da classe operária e com a inteligência que ela põe na luta.

Não vemos, é triste constatá-lo, nenhuma vibração, nenhum sôpro, nada que nos dê a ilusão que a classe operária de Portugal vive e está na barricada pronta ao assalto e ao sacrifício de todos os dias. Não há um manifesto, um pequeno jornal, um grito, um silêncio até que revelasse futura acção que nos dê a consolação de vermos que o operariado português não cansou, que o fascismo não triunfou dele e se mantém de arma aperrada à volta da sua trincheira.

Camaradas: é preciso reforçar o Partido, vivificá-lo, unirem-se à sua volta e voltar de novo a animar os trabalhadores portugueses com as suas publicações e a sua acção de luta contra o fascismo, contra o capitalismo que ainda nos lançará para a carnificina da guerra.

Uma Organização não vive de tradições, de nome apenas. Vive sim da dedicação dos seus militantes, da coragem, da inteligência e do sacrifício dos seus membros.

Há provocadores? Mais vale abatê-los do que se abandonar a barricada onde se joga a vida e a existência da classe operária livre e redimida.

Há quinze anos que uma Ditadura campeia a seu belo prazer em Portugal e há pouco menos que os métodos fascistas aterrorizam os trabalhadores portugueses. Milhares de operários têm passado pelos cárceres, por climas inhóspitos da África e todas éles pelas salas tenebrosas da Polícia de Informações, hoje Vigilância do Estado. Nem todos saíram dali com vida, há centenas de nomes que são o cortejo das vítimas de nefandas e cruéis torturas.

O povo vive num ambiente de medo, de delação, de terror e de cinismo aviltante. As organizações operárias são invadidas de provocadores, de agentes de traição, de bandidos que diariamente delatam os mais abnegados militantes operários, certos da impunidade que criou raízes em 15 anos de malfetorias.

O célebre agente da Informação, o Fernando Gouveia, expulso porque roubou os próprios depois de os ajudar a ter assassinado muitos operários passeia descansado nas ruas de Coimbra como qualquer cidadão de consciência limpa.

Pois bem: operários, trabalhadores das organizações revolucionárias: tendes o direito de vos defender dos provocadores - inutilizando-os.

Dai um exemplo e vereis que a impunidade dos provocadores desaparece e que já não serão muitos que aceitarão tal infame afazer.

Polícia, provocadores e carcereiros se muito têm feito de vil arbitrio é porque se convenceram da impunidade que há 15 anos nós lhes temos oferecido tão estupidamente.

Não queremos terror, acção directa individual sem finalidade ou resultado mas sim defesa própria e acção que faça compreender ao inimigo que não é impunemente que nos atacam.

CAMINHADA...

- vem da página 1 -

HÁ UM ANO

sofrimento e as arremidas. Se na Bastilha de Lisboa de mos ao nosso jornal o título de "O TRABALHO" foi para me esforço dos trabalhadores nos campos e nas oficinas há tam bém o esforço cerebral do edu cador, do médico e outras profissões a concorrer para a inorme legião do trabalho ligado entre si pelas funções mais variadas que são as cé- lulas do seu corpo imenso, os elos do seu maquinismo mon- tado a per fazer num corpo só um todo harmónico, em- bora divisível.

Aqui mudamos o título por razões várias, entre elas o desforço da violência a que nos sujeitaram e a prova que a violência nada nos atemorisou ou fez recuar. E o primeiro número saído há cinco anos desta Bastilha le- vava o nôme de "Fôrça". Porquê? Era a nossa fôrça de vontade, de resistência e o quanto pode a atracção da ideia sôbre a dêr a que nos sugereitam. Ao mesmo tempo "A Fôrça" tendo ligada a si a estrêla, foice e martelo e a marca a fôrça inorme dê- ses simbolos e o poder for- midável que representam. Estes simbolos são bem "a fôrça" dos trabalhadores do mundo inteiro, a fôrça organizada a despertar ca- lafrios ao capitalismo e a que tem a sua expressão má- xima na realização da liq. ss. - um mundo a sobrepôr-se a outro mundo.

"A FÔRÇA" entra no seu sexto ano e viverá até o seu autor estiver encarcerado e possa fazer mas... viverá.

Há um ano, na noite de 12 de Março, recebia pelas três ho- ras da manhã um telegrama lacónico mas terrivelmente ex- pressivo: "Manuel mãisinha mor- reu coragem".

Eu já o previa. Na véspera um dedicado camarada tinha-me enviado uma carta e nas inter- linhas dava-me a entender que dai a poucas horas eu ficaria sem aquela que me deu o sêr, me cri- ou e tanto sofreu por mim. Rápi- damente me passou pelo écran da memória o sacrificio da minha mãi, a mais bela e a mais dedicada camarada que tenho tido. Recordei o seu mar- tório quando me prenderam, a sua ignominiosa prisão e o vil julgamento a que a Tribunal Militar Especial a submeteu con- denando-a a dois anos de cár- cere, que cumpriu e pouco depois a matava num catre hospitalar.

Foi uma noite angustiosa, aquela. A saudade pungia-nos, torturava e via-me assaltado por recordações infundáveis e sobretudo era aguilhoado pelo recordar dorido do que a pobre mãi passou no cárcere, na inco- municabilidade, no julgamento e na agonia. Depois lembrava-me das minhas anteriores prisões, do seu sofrimento, da sua assistên- cia carinhosa e da sua digni- dade ante o revolucionarismo do filho que ela tanto estremava.

Morreu sem me ver há quatro anos, que foi a sua maior tortura, o seu maior sofrimento e a sua dôr mais acerba.

O fascismo matou-a, e nêsse dia talvez se bebesse à prosperi- dade da pátria e a Protecção à Mãi portuguesa lançasse mais um apêlo contra a barbarie comunis- ta...

Bandidos!

Proletários de todos os países: Uni-Vos!



ECRAN MUNDIAL



Temos conhecimento que a B.B.C. de Lon- dres tem de vez enquanto largado a sua a- titude a respeito da próxima beligerância soviética a favor da América contra o japon. A D.N.B. de Berlim faz o mesmo, só com a di- ferença que esta apresenta a U.R.S.S. de cora- ção dado com... Hitler.

Na verdade, uns e outros desejavam a seu lado o urso belchevista e uns e outros que o ur- so belchevista não existisse. De facto a U.R.S.S. é tanto ou quanto maior em potencial consoante os salamaquéques dos imperialismos em luta que ainda têm a veleidade de julgaram poder levar à ambição ou ao suicidio o pais dos tra- balhadores. O "imperialismo" - chamemo-lhe as- sim - vê bem que não podendo recuar, também já não pode afustar aquele importuno que aten- tamente segue os movimentos da guerra e olha para as retaguardas com... atenção dobrada.

Os sovietes têm-se mostrado tão previdentes que quando um imperialismo dá um salto já êles lhes têm visto o jogo. Avançam pela Polónia e... para a Ucrânia Sub-Carpática não passas. Prepa- ram-se para a Noruega e olha-se a Suécia mas... lá está a Carélia e outras bases finlandêsas a anteparar "para o que der e vier". Pisca-se o olho à Roménia e... a Bessarábia fica como guarda avançada. E assim, conclui-se que de facto os sovietes são amigos do Hitler...

Pode-se aplicar aqui o dito do Rei da Bul- gária a um jornalista a quem deu entrevista:

- Olhe, o povo da Bulgária é pelos sovietes; o militarismo e a burguesia pelo eixo e sou eu apenas o único búlgaro que estou neutro...

E' cêdo para se verem os resultados da he- catombe mas já ninguém põe dúvidas que atrás desta aparente solidariedade dos povos com a guer- ra se está forjando a outra guerra mais teme- rosa, que é a guerra social, já não muito enco- berta pois em breve o imperialismo verá que for- jou as armas da sua ruína e morte.